

**FATORES QUE INFLUENCIAM AS ATITUDES DOS INDIVÍDUOS EM PROL DO
DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL: um estudo com discentes da área de negócios**

THAYSE SANTOS DA CRUZ
UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

MÁRCIO SANTOS SAMPAIO
UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA

PAULO S FIGUEIREDO
UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

SONIA MARIA DA SILVA GOMES
UFSC UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

JOSÉ VENÂNCIO FERREIRA NETO

FATORES QUE INFLUENCIAM AS ATITUDES DOS INDIVÍDUOS EM PROL DO DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL: um estudo com discentes da área de negócios

RESUMO

Este estudo teve o propósito de identificar fatores que influenciam as atitudes de indivíduos em prol do desenvolvimento sustentável, em suas diferentes dimensões. Para o escopo do estudo, admitiram-se discentes de cursos presenciais em Administração e Ciências Contábeis de duas Instituições de ensino superior (IES) no Estado da Bahia. Empregou-se o questionário como instrumento de coleta de dados. Para o teste de hipóteses, realizou-se análise de regressão linear múltipla com uma base de dados de 254 questionários. Houve evidências de que o conhecimento sobre sustentabilidade influencia de forma positiva e significativa a atitude discente nas Dimensões Ambientais, Econômicas, Sociais e de Educação. Os resultados apontaram que discentes com concepções políticas de esquerda tendem a apresentar atitudes mais positivas em prol do desenvolvimento sustentável, nas Dimensões Ambientais e Sociais, e que o gênero feminino apresenta atitudes mais positivas nas Dimensões Sociais e de Educação. E, por fim, obteve-se indícios de relação negativa e significativa da renda familiar com as Dimensões Ambientais e Econômicas. O significado e importância dessas evidências é discutido.

Palavras-chave: Atitudes quanto à sustentabilidade; Desenvolvimento Sustentável; dimensões do desenvolvimento sustentável; educação em negócios; Educação para a sustentabilidade.

1. INTRODUÇÃO

Os cenários delineados em razão da degradação dos solos, das mudanças climáticas, da extinção de espécies da fauna e da flora, do aumento de catástrofes “naturais”, de doenças endêmicas e de diversos tipos de cânceres, além de implicações socioambientais, causam impacto significativo na economia e desenvolvimento das nações. As inúmeras soluções hegemônicas propostas até então não foram suficientes para enfrentar o desafio da compatibilização do crescimento econômico com as questões socioambientais (LÖWY, 2014).

Neste contexto, durante a Cúpula das Nações Unidas sobre o Desenvolvimento Sustentável realizada em setembro de 2015, mais de 150 líderes mundiais assumiram o compromisso formal de uma nova agenda de desenvolvimento sustentável, composta por 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), que deverão ser implementados por todos os países do mundo até o ano de 2030. Baseados no *triple bottom line*, os 17 ODS são interdependentes e, envolvem temas como: pobreza, fome, saúde e bem-estar, educação, gênero, água e saneamento, energia, crescimento econômico e emprego, inovação, produção e consumo sustentável, águas mares e oceanos, mudanças climáticas, ecossistemas, mobilidade e infraestrutura, paz e justiça entre as nações (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura [UNESCO], 2017).

Diante deste cenário, organizações empresariais já têm empreendido esforços para tornar mais transparentes as ações empreendidas em prol do cumprimento dos ODS, mediante a evidenciação de informações para além das de natureza econômico-financeira, conforme demonstra o estudo realizado pela KPMG (2018) que avaliou a preparação e divulgação de informações sobre o progresso dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável por parte das empresas. A pesquisa constatou que oito de dez das maiores empresas do mundo consideram os ODS como relevantes para a continuação de seus negócios, dessas quatro já estão reconhecendo os objetivos globais em seus relatórios corporativos.

Sob esta perspectiva, insta salientar que para a incorporação do *ODS* no ambiente empresarial faz-se necessário que os gestores estejam devidamente capacitados e, sendo as Escolas de Negócios um *locus* importante para formação destes, espera-se que a pressão para que essas incorporem a promoção do desenvolvimento sustentável em suas atividades de

ensino, pesquisa, extensão e gestão universitária também se intensifique (JABBOUR, 2014). Neste sentido, destaca-se que o ensino das questões socioambientais pressupõe visão crítica, questionamentos de todos os envolvidos e anseio por conhecimento e por mudança positiva no meio. Sendo assim, sob a égide da aprendizagem transformadora, busca-se promover transformações nos quadros de referência dos indivíduos, de modo consciente, por intermédio da reflexão crítica sobre os pressupostos construídos de modo acrítico, contribuindo para transformação da sociedade para que as pessoas possam ser produtoras criativas de si mesmas e da sociedade e de suas relações políticas e econômicas. (SHARMA; HART, 2014; CLOSS; ANTONELLO, 2014).

Pesquisadores que estudam a inserção da educação para a sustentabilidade na área de negócios, têm empreendido esforços para identificar, entre outros aspectos, os cursos que possuem disciplinas relacionadas à sustentabilidade em sua matriz curricular, bem como as condições de oferta destes. Apresentaram também contribuições sobre a produção científica em eventos e periódicos nacionais e internacionais e têm mapeado a percepção e o nível de conhecimento de coordenadores, docentes, discentes e profissionais sobre a temática. (CALIXTO, 2006; CARVALHO, 2011; JABBOUR, 2014; LUCA et al., 2014; FRANCO et al., 2015; LIMA; AMÂNCIO-VIEIRA, 2018; LESSA; SPIER; NASCIMENTO, 2018).

No entanto, ainda existe escassez de estudos que discutam de forma sistematizada os fatores que influenciam as atitudes dos discentes da área de negócios em prol do desenvolvimento sustentável. Identificar esses fatores é uma tarefa complexa e envolve processo de escolhas que tende a se comportar de forma dinâmica no decorrer do tempo. Diferenças individuais, influências socioculturais e processos psicológicos são alguns dos fatores que podem causar impacto significativo na postura discente perante as questões de sustentabilidade (YOUNG ET AL. 2010; BRAGA JUNIOR; SILVA; MORETTI, 2011; GORNI; GOMES; DREHER, 2012; WIERNIK; ONES; DILCHERT, 2013).

É neste contexto que este estudo se insere com o objetivo de identificar fatores que influenciam as atitudes dos discentes da área de negócios em prol do desenvolvimento sustentável. Destaca-se que tradicionalmente a promoção do desenvolvimento sustentável sempre esteve alicerçada em três dimensões (*triple bottom line*): a Dimensão Ambiental, a Dimensão Econômica e a Dimensão Social. Contudo, para a Unesco (2017) e Biasutti e Frate (2017), a Educação é uma Dimensão importante que é transversal ao tradicional tripé da sustentabilidade. Por isso, para o escopo desta investigação também fora incorporado ao tradicional tripé da sustentabilidade, a educação como uma quarta dimensão de atitudes quanto à sustentabilidade, transformando-o, assim, em um tetraedro.

Espera-se com os achados, a obtenção de evidências empíricas que possam contribuir para que Instituições de Ensino Superior, entidades de classe e órgãos reguladores discutam de forma sistematizada a necessidade do cumprimento da Meta 4.7 dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da educação que: desafia as instituições e governo a promoverem uma educação para a cidadania global, inclusiva, que respeite os direitos humanos, a cultura de paz, a diversidade cultural e a igualdade de gênero. Assim, um desdobramento desta contribuição aponta para a necessidade de se compreender e se debater o processo formativo, a consciência, as atitudes e os comportamentos de potenciais gestores organizacionais para que estes possam estar mais capacitados técnica e humanamente para

lidar com os problemas relacionados à sustentabilidade e suas possíveis soluções para além do ambiente corporativo.

2. CONSTRUÇÃO DAS HIPÓTESES

A inclusão da educação para sustentabilidade nas Escolas de Negócios, além de contribuir para agregar valor à formação acadêmica, tem o propósito de formar profissionais mais capacitados para lidar com os problemas relacionados à sustentabilidade. Neste contexto, é importante destacar que a temática começou a ganhar visibilidade nas Escolas de Negócios apenas nas últimas décadas, pois até meados da década de 1970, a concepção predominante era de que o único objetivo das organizações empresariais consistia em maximizar a geração de lucro para os acionistas/proprietários. Dessa forma, alocar recursos em prol das questões socioambientais representaria apenas aumento de custos. (CALIXTO, 2006; SILVA et al., 2013; JABBOUR, 2014; BARBIERI, 2017).

Para Figueiró e Raufflet (2015) as Instituições de Ensino Superior (IES) exercem um papel fundamental para a promoção do Desenvolvimento Sustentável, por meio do seu discurso pedagógico e pela adoção de práticas mais sustentáveis na gestão educacional. Sob esta perspectiva, para Barbieri e Silva (2011) as Escolas de Negócios têm sido desafiadas a formar profissionais com maior *background* de conhecimentos que permitam uma melhor compreensão do meio ambiente em sua totalidade, que passem a ter sensibilidade e consciência dos problemas ambientais, desenvolvam novas habilidades e atitudes com o intuito de contribuir na resolução destes e estejam mais preparados para avaliar as medidas e os programas de educação ambiental em função dos fatores ecológicos, políticos, sociais, estéticos e educativos. Para tanto, segundo Godoy, Brunstein e Fischer (2013, p.14) é preciso desenvolver: “um processo de investigação crítica que encoraje as pessoas a explorarem a complexidade e as implicações desta abordagem frente às forças econômicas, políticas, sociais, culturais, tecnológicas e ambientais que a nutrem ou a impedem”.

Neste sentido, Gomes *et al.* (2012) destacam ainda que dentre os desafios tem-se a escassez de professores capacitados para lecionar de forma holística e integrada a temática e, portanto, os egressos dos cursos da área de negócios podem não estar devidamente capacitados para lidar com os problemas relacionados à sustentabilidade no ambiente corporativo e conseqüentemente estão despreparados para propor possíveis soluções para a construção de um mundo melhor. Para além da falta de capacitação docente, Godoy, Brunstein e Fischer (2013) relatam que é importante destacar que a educação para sustentabilidade nas escolas de negócios contempla desafios tanto no âmbito macroestrutural, coletivo, como individual, que conseqüentemente impactarão a forma de concepção do projeto pedagógico, do currículo, da formação docente, bem como no que, de fato, é lecionado no interior das salas de aula.

Nesta linha, Biasutti e Frate (2017) destacam que o significado de sustentabilidade e de desenvolvimento sustentável está evoluindo ao longo do tempo sendo os termos comumente inter-relacionados para descrever uma abordagem ampla que incorpora três dimensões (*triple bottom line*): a Dimensão Ambiental, a Dimensão Econômica e a Dimensão Social. Contudo, Lopes e Tenório (2011, p. 98) defendem que na sociedade do conhecimento, a educação “incorpora-se quase que naturalmente ao conceito de sustentabilidade. [...] é preciso enfrentar bem os novos desafios que surgem constantemente na dinâmica social; esse papel compete à educação”. Sob esta perspectiva, para a Unesco (2017, p.1): “A educação é uma prioridade porque é um direito humano básico e estabelece a fundação para a construção da paz e a promoção do desenvolvimento sustentável”.

Sendo assim, Biasutti e Frate (2017) destacam que a Educação é uma Dimensão importante que é transversal ao tradicional tripé da sustentabilidade, pois contribui para o desenvolvimento de consciência ambiental e ética, incluindo valores e atitudes consistentes com o desenvolvimento sustentável. Partindo desse pressuposto, para o escopo desta investigação, considerou-se o modelo empregado por Biasutti e Frate (2017) para mensurar as atitudes em prol do desenvolvimento sustentável. E, portanto, também foi incorporado ao tradicional tripé da sustentabilidade (ambiental, econômica e social), a educação como uma quarta dimensão de atitudes quanto à sustentabilidade, transformando-o, assim, em um tetraedro.

Espera-se, portanto, que a Educação enquanto dimensão da sustentabilidade, seja capaz de fomentar atitudes e comportamentos desenvolvidos durante o processo formativo dos discentes. É nesse sentido que Jacomossi, Morano e Barichello (2014, p.5) afirmam que:

As atitudes futuras dos alunos de escolas ligadas à gestão de negócios, quando esses assumirem funções nas organizações que demandem a capacidade de tomada de decisão, serão pautadas pelo conteúdo e tipo de ensino que esses tiveram ao longo de suas vidas e reforçadas, sobretudo, pelo tipo de ensino de graduação que leve em conta ou não a formação de valores ambientais.

Diante deste cenário, compreender os fatores que impactam as atitudes dos discentes da área de negócios em prol do Desenvolvimento Sustentável torna-se relevante, pois estes serão potencialmente os futuros tomadores de decisão no ambiente corporativo e, portanto, poderão contribuir para minimizar os impactos socioambientais das atividades empresariais no contexto em que elas são desenvolvidas. Neste sentido, os estudos realizados por Jacomossi, Morano e Barichello (2014) e Faria et al. (2018) demonstram que há uma possível relação entre conhecimento sobre sustentabilidade e atitudes em prol do Desenvolvimento Sustentável. Nesta linha, evidências empíricas sugerem que o conhecimento sobre sustentabilidade pode interferir, inclusive, nas decisões de consumo dos indivíduos. Dessa forma, espera-se que quanto maior o conhecimento sobre sustentabilidade do indivíduo, maior tende a ser o seu engajamento com as questões socioambientais. Partindo desse pressuposto, propõe-se a primeira hipótese de pesquisa:

H1: O nível de conhecimento sobre sustentabilidade influencia positivamente as atitudes dos estudantes para promoção do desenvolvimento sustentável.

O papel da educação na formação dos indivíduos é de suma relevância para a promoção do Desenvolvimento Sustentável. Silva et al. (2013, p.156) destacam que a educação, enquanto elemento fundamental na busca pela sustentabilidade, contribui para “a busca por indagações e respostas mais adequadas, pela conscientização e mudança de comportamento, pela compreensão e disseminação de novas práticas, pelo incentivo ao respeito à vida, dentre tantas outras necessidades”. Essa tomada de consciência tende a influenciar as atitudes e comportamentos das pessoas tornando-as social e ambientalmente responsáveis. Neste sentido, Faria et al. (2018) discutem que a inclusão da educação para sustentabilidade é uma tarefa difícil e complexa e que mais disciplinas que estimulem a visão crítica dos discentes sobre a sustentabilidade deveriam ser ofertadas. Sob esta perspectiva, propõe-se a segunda hipótese da investigação:

H2: Cursar disciplinas específicas de sustentabilidade influencia positivamente as atitudes dos estudantes em prol do desenvolvimento sustentável.

Noutra perspectiva, Bacelar e Castro (2015) defendem que a identidade partidária contribui para demarcar posições objetivadas no campo político e também nas identidades coletivas. Nesta linha, Neumayer (2004) ao analisar a relação entre a orientação ideológica dos indivíduos e suas crenças, atitudes e comportamentos em prol da sustentabilidade constatou que a busca por igualdade, as preocupações de natureza distributivas e o ceticismo

dos mecanismos de mercado são tipicamente considerados como fatores definidores da orientação política de esquerda. De modo adicional, as evidências empíricas sugerem que partidos e indivíduos de esquerda são também mais pró-ambientais do que seus pares de direita.

De modo semelhante, Chang et al. (2018) investigaram a relação entre ideologia governamental e emissões de gases de efeito estufa em 65 países no período de 1981 a 2012 constaram que os efeitos da ideologia do governo sobre as emissões de dióxido de carbono distingue-se significativamente entre países desenvolvidos e em desenvolvimento. De modo adicional, as evidências sugerem que os governos de esquerda estão associados a menores emissões de dióxido de carbono nos países com baixos níveis de poluição. Partindo desse pressuposto, elaborou-se a terceira hipótese de pesquisa:

H3: Discentes com concepções políticas mais de esquerda tendem a apresentar atitudes mais positivas em prol do desenvolvimento sustentável.

Em um escopo mais abrangente, Berger e Luckmann (1985) destacam que para manter a ordem social, com o propósito de dar estabilidade à realidade, surgem as Instituições. Estas podem ser definidas como relações sociais que permanecem cristalizadas no tempo e que estão sempre impondo regras, às vezes carismáticas, outras racionais-legais. Dentre as Instituições, as religiões também contribuem para o processo de institucionalização de práticas, por meio da ação habitual, tipificada, compartilhada pelos atores, que constitui o sujeito e condiciona o comportamento social. Neste sentido, as estruturas sociais impõem restrições ao comportamento dos indivíduos principalmente por meio de limites morais. Hartmann (2002, p. 11) expõe ainda que muito mais do que um corpo concatenado de doutrinas, a religiosidade “perpassa o viver diário de pessoas e grupos humanos, interpenetra relações e culturas, constrói, destrói e reconstrói mitos e deuses, sinaliza e impregna os mais simples gestos e ações do cotidiano das pessoas”. Por isso, testou-se a seguinte hipótese:

H4: A ausência de religião influencia negativamente as atitudes dos discentes em prol do desenvolvimento sustentável.

Noutra perspectiva, Kollmuss e Agyeman (2002) e Mccright e Sundström (2013) defendem que fatores demográficos, como o gênero exerce influência nas atitudes dos indivíduos em prol da sustentabilidade. Neste sentido, Gorni, Gomes e Dreher (2012, p. 4) ressaltam que é preciso considerar que cada gênero tem: “necessidades e interesses, aspirações diferentes e que, por isso, contribuem de forma diferente para a conservação, o manejo e uso sustentável dos recursos da biodiversidade”. As evidências empíricas obtidas pelos referidos pesquisadores indicam que pessoas do gênero feminino são mais propensas a ter uma postura proativa com relação às questões de sustentabilidade. Sob esta perspectiva, propõe-se a quinta hipótese da investigação:

H5: Discentes do gênero feminino tendem a apresentar atitudes mais positivas em prol do desenvolvimento sustentável.

Para além do gênero, Martins e Veiga (2016) afirmam que os resultados não são conclusivos a respeito da relação entre idade e atitudes em prol da sustentabilidade. Os autores destacam a importância da influência de diferentes contextos sociais sobre as atitudes das pessoas adultas. Entre outros aspectos, as evidências obtidas por Wiernik, Ones e Dilchert (2013) sugerem que as pessoas mais velhas tendem a envolver-se mais com a natureza, buscam evitar danos ambientais, desejam conservar matérias-primas e recursos naturais. Partindo desse pressuposto, elaborou-se a sexta hipótese de pesquisa:

H6: A idade influencia positivamente as atitudes dos discentes em prol do desenvolvimento sustentável.

A investigação conduzida por Braga Junior, Silva e Moretti (2011) sugere ainda que pessoas com faixa de renda maior tendem a preocupar-se menos com a promoção do Desenvolvimento Sustentável, pois quanto maior a renda, maior a propensão ao consumo de

bens não essenciais e menor predisposição para promover o bem-estar coletivo. Nesta linha, propõe-se a sétima hipótese de pesquisa:

H7: O nível de renda influencia negativamente as atitudes dos discentes em prol do desenvolvimento sustentável.

De modo adicional, conforme enfatizam Jacomossi, Morano e Barichello (2014) e Sammalisto et al. (2016), se a educação para sustentabilidade for incorporada ao longo do percurso formativo dos discentes, espera-se que os estudantes concluintes ou em estágio mais avançado no curso apresentem uma postura diferenciada em prol da sustentabilidade. Por isso, para além da IES de origem, testou-se também a seguinte hipótese:

H8: O semestre do curso influencia positivamente as atitudes dos discentes em prol do desenvolvimento sustentável.

Por fim, autores como Perlin et al. (2016) ao investigarem, por meio de questionários, o comportamento ecológico de alunos dos cursos de Administração e de Ciências Contábeis de uma Universidade Federal constataram que, de modo geral, os discentes de Administração apresentaram maior consciência ambiental do que os estudantes de Ciências Contábeis em questões como, por exemplo, na separação correta do lixo, no cuidado para evitar o desperdício de água e para manter a preservação de espaços públicos. Por isso, de modo adicional, testou-se a seguinte hipótese:

H9: Discentes do curso de Administração tendem a apresentar atitudes mais positivas em prol do desenvolvimento sustentável.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para o escopo do estudo, admitiram-se como cursos da área de negócios os bacharelados em Administração e Ciências Contábeis. O campo empírico investigado foi constituído por duas IES que ofertavam os cursos na modalidade presencial no Estado da Bahia, sendo uma de natureza privada e outra pública. As IES foram escolhidas por acessibilidade. O instrumento de coleta de dados utilizado foi um questionário composto por dois blocos de perguntas. O bloco I foi estruturado em escala *likert* de 5 pontos, com o propósito de mensurar a atitude dos discentes em relação ao desenvolvimento sustentável, bem como o conhecimento sobre sustentabilidade. Para tanto, foram empregadas as escalas desenvolvidas e validadas por Biasutti e Frate (2017) e Sammalisto et al. (2016), conforme exposto no Quadro 1. Estas foram traduzidas por um pesquisador doutor e posteriormente foram validadas semanticamente por um grupo de quatro professores doutores. Pequenos ajustes foram feitos.

Quadro 1: Perguntas do primeiro bloco do questionário

Variável	Proxy	Pergunta do Questionário
Atitudes em prol do desenvolvimento sustentável	Dimensão Ambiental_ Modelo de Biasutti e Frate (2017). Escala Likert 5 pontos.	Indique seu grau de concordância com as seguintes afirmações:
		A ação humana ao longo do tempo tem produzido consequências desastrosas no meio ambiente.
		A proteção ambiental é mais importante que o crescimento industrial.
		A proteção ambiental e a qualidade de vida das pessoas estão diretamente interligadas.
		A biodiversidade deve ser protegida em detrimento da produção agrícola e industrial.
		O desenvolvimento de edifícios é menos importante que a proteção ambiental.
	Dimensão Econômica_ Modelo de Biasutti e Frate (2017). Escala Likert	As políticas econômicas do governo devem aumentar a produção sustentável, mesmo que isso signifique gastar mais dinheiro.
		As pessoas devem se sacrificar mais para reduzir as diferenças econômicas entre as populações.
		Reduzir a pobreza e a fome no mundo é mais importante do que aumentar o bem-estar econômico dos países industrializados.

	5 pontos.	Um governo deve agir com políticas específicas para evitar o desperdício de seus recursos naturais.	
		Políticas econômicas do governo devem aumentar o comércio justo.	
	Dimensão Social_ Modelo de Biasutti e Frate (2017). Escala Likert 5 pontos.		A sociedade deve fornecer serviços básicos de saúde gratuitos.
			A sociedade deve promover ainda mais a igualdade de oportunidades para homens e mulheres.
			O contato entre culturas é estimulante e enriquecedor.
			A sociedade deve assumir a responsabilidade pelo bem-estar de indivíduos e famílias.
		Cada país pode fazer muito para manter a paz no mundo.	
	Dimensão Educação_ Modelo de Biasutti e Frate (2017). Escala Likert 5 pontos.		Os professores devem promover a interdisciplinaridade entre os assuntos.
			Os professores devem promover a conexão entre questões locais e globais.
			Os professores devem usar metodologias de ensino ativas, centradas no aluno.
		Os professores devem promover o pensamento crítico.	
	Os professores devem promover o pensamento orientado para o futuro, além do conhecimento histórico.		
Conhecimento sobre sustentabilidade	Modelo de Sammalisto et al., (2016). Escala Likert 5 pontos.	Eu conheço alguns textos que tratam sobre o desenvolvimento sustentável.	
		As três dimensões do desenvolvimento sustentável são econômica, social e ambiental.	
		Eu sei muito sobre sustentabilidade.	

Fonte: Elaborado pelos autores, 2018.

No bloco II, buscou-se mapear no perfil dos respondentes as seguintes características: identidade partidária, religião, nível de renda, disciplina cursada (específica de sustentabilidade), gênero, semestre, idade, curso e tipo de IES, conforme demonstrado no Quadro 2. É importante destacar que a Dimensão Educação se diferencia da variável conhecimento sobre sustentabilidade, à medida que a primeira buscou identificar a atitude do discente sobre o papel da educação como agente de transformação para a promoção do desenvolvimento sustentável. Para tanto, buscou-se identificar o seu posicionamento em relação ao uso de metodologias ativas e ao desenvolvimento de pensamento crítico, antecipatório e sistêmico. Enquanto que a segunda identificou o conhecimento dos indivíduos em relação ao tripé da sustentabilidade.

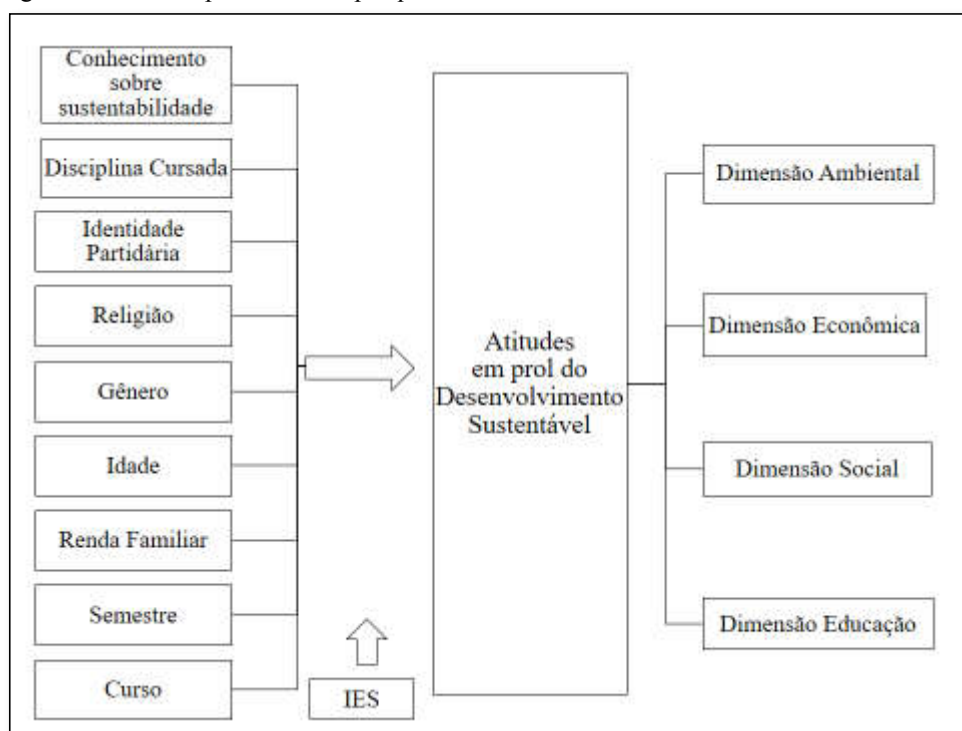
Quadro 2: Perguntas do segundo bloco do questionário

Variável	Proxy	Pergunta do Questionário
Disciplina Cursada (Dummy)	Atribuiu-se 1 para aqueles que tinham cursado e 0 para os demais casos.	Você já cursou alguma disciplina específica sobre sustentabilidade?
Identidade Partidária (Dummies)	Agrupada em três categorias: esquerda, centro e direita.	Em qual categoria de posicionamento político você mais se identifica?
Religião (Dummies)	Agrupada em quatro categorias: católicos, protestantes, outras religiões e sem religião.	Qual a sua religião?
Idade	Número de anos completos	Qual a sua idade?
Gênero (Dummy)	Atribuiu-se 1 para o gênero feminino e 0 para o masculino.	Qual gênero você se identifica?
Renda Familiar (Dummies)	Agrupada em duas faixas: igual a 2 salários mínimos e igual ou superior a 3 salários mínimos.	Qual a sua renda familiar em salários mínimos?
Semestre	Semestre do curso	Qual o seu semestre?
Curso (Dummy)	Atribuiu-se 1 para o curso de Administração e 0 para o de Ciências Contábeis.	Qual o seu curso?
IES (Dummy) – Variável de Controle	Atribuiu-se 1 para a IES particular e 0 para a pública.	Em qual tipo de IES você estuda?

Fonte: Elaborado pelos autores, 2018.

A posteriori, realizou-se o pré-teste do instrumento com um grupo de oito discentes. Foram necessários pequenos ajustes adicionais nas perguntas. Verificou-se, por exemplo, que os respondentes tiveram resistência em informar a sua renda familiar exata. Diante deste cenário, a renda familiar foi apresentada em faixas salariais, tendo como base o número de salários mínimos, conforme exposto no Quadro 2. O questionário fora aplicado entre os meses de novembro e dezembro de 2018. Os dados coletados foram analisados com auxílio do *software* SPSS versão 21. Antes de ser submetida à análise, a base de dados construída foi tratada com o propósito de reduzir possíveis ruídos em virtude dos casos em que o indivíduo deixou questões em branco ou marcou a mesma opção de respostas para todos os itens do questionário. Por isso, dos 390 questionários respondidos, somente 254 foram validados. O modelo operacional da pesquisa proposto para a presente investigação encontra-se sintetizado na Figura 1.

Figura 1: Modelo operacional da pesquisa



Fonte: Elaborado pelos autores, 2018.

Conforme apresentado na Figura 1, para o escopo desta pesquisa considerou-se como variável dependente as atitudes dos discentes da área de negócios em prol do Desenvolvimento Sustentável nas Dimensões Ambiental, Econômica, Social e Educação. Empregou-se como variáveis independentes: conhecimento sobre sustentabilidade, disciplina cursada (específica de sustentabilidade), identidade partidária do indivíduo (esquerda/direita), sua religião (ou ausência), gênero, idade, nível de renda, semestre e curso (administração/ciências contábeis). Houve também uma variável de controle, IES de origem.

Para o teste das hipóteses, realizou-se a análise de regressão linear múltipla. Por meio da análise dos fatores inflatores de variância (VIF), não se identificou problema de colinearidade porque os valores foram menores que 10 para todas as variáveis independentes, conforme demonstrado na Tabela 02. Analisando-se o ajustamento dos modelos propostos, constatou-se que o poder preditivo do modelo 3 que possuía como variável dependente a Dimensão Social foi o que apresentou maior R^2 ajustado (14,2%), seguido dos modelos 4 (Dimensão Educação, 13%), modelo 2 (Dimensão Econômica, 12,4%) e por fim, do modelo 1 (Dimensão Ambiental, 10,4%). O modelo de regressão geral utilizado está apresentado na Equação 1.

$$ADS = \beta_0 + \beta_1 CSS + \beta_2 DIS + \beta_3 SEM + \beta_4 CURSO + \beta_5 IES + \beta_6 GEN + \beta_7 ID + \beta_8 RD2SM + \beta_9 RD3SM + \beta_{10} ESQ + \beta_{11} DIR + \beta_{12} CAT + \beta_{13} PROT + \beta_{14} SRELIG + \varepsilon \quad (1)$$

Sendo:

ADS = Atitudes em Prol do Desenvolvimento Sustentável, *escala likert 5 pontos* [(modelo de Biasutti e Frate (2017)]; β_0 = intercepto; β_1 *CSC*= Conhecimento sobre sustentabilidade, *escala likert 5 pontos* [(modelo de Sammalisto *et al.*, (2016)]; β_2 *DIS*= Cursar disciplina específica sobre sustentabilidade, *variável dummy*; β_3 *SEM* = Semestre do curso no qual o estudante está matriculado; β_4 *CURSO*= Curso do discente, *variável dummy*, atribuiu-se 1 para Administração e 0 para Ciências Contábeis; β_5 *IES* = Instituição de Ensino Superior de origem, *variável dummy*, atribuiu-se 1 para IES particular e 0 para pública; β_6 *GEN*= Gênero, *variável dummy*, atribuiu-se 1 para o gênero feminino e 0 para o masculino; β_7 *ID*= Idade do estudante; β_8 *RD2SM* = Renda familiar igual a 2 Salários Mínimos, *variável dummy*; β_9 *RD3SM* = Renda familiar igual ou superior a 3 Salários Mínimos, *variável dummy*; β_{10} *ESQ*= Identidade Partidária de Esquerda, *variável dummy*; β_{11} *DIR*= Identidade Partidária de Direita, *variável dummy*; β_{12} *CAT*= Indivíduos Católicos, *variável dummy*; β_{13} *PROT*= Indivíduos Protestantes, *variável dummy*; β_{14} *SRELIG* = Indivíduos sem Religião, *variável dummy*;

4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Nesta seção serão apresentados e discutidos os resultados da pesquisa. Com relação ao perfil dos investigados, a maioria é do curso de Ciências Contábeis (75%) e do gênero feminino (54%), apresenta idade entre 18 e 25 anos (67%) e estuda em IES particular (62%). Além disso, já cursaram alguma disciplina específica sobre sustentabilidade (53%). Quanto ao semestre do curso, a amostra obtida foi heterogênea contemplando estudantes do primeiro ao último semestre. Contudo, verificou-se predominância de alunos do 3º semestre na IES pública e de 8º semestre na IES particular. Com relação à religião, verificou-se o predomínio de indivíduos católicos e protestantes (68,5%). Com base no perfil da amostra, criou-se duas outras categorias residuais. A primeira com os discentes que apresentaram outra identidade religiosa (5%) e mais uma categoria residual que englobou os indivíduos sem religião (26,5%), conforme demonstrado na Tabela 1.

Tabela 01 - Perfil dos respondentes

	IES Pública		IES Particular		
Gênero	Frequência	%	Gênero	Frequência	%
Masculino	52	53,6	Masculino	65	41,4
Feminino	45	46,4	Feminino	92	58,6
Faixa etária	Frequência	%	Faixa etária	Frequência	%
18 – 25	73	75,3	18 – 25	96	61,1
26 – 33	15	15,5	26 – 33	46	29,3
34 – 41	6	6,2	34 – 41	14	8,9
Acima de 41	3	3,1	Acima de 41	1	0,6
Curso disciplina específica de Sustentabilidade	Frequência	%	Curso disciplina específica de Sustentabilidade	Frequência	%
Sim	55	56,7	Sim	80	51,0
Não	42	43,3	Não	77	49,0
Curso de Graduação	Frequência	%	Curso de Graduação	Frequência	%
Administração	40	41,2	Administração	22	14,0
Ciências Contábeis	57	58,8	Ciências Contábeis	135	86,0
Religião	Frequência	%	Religião	Frequência	%
Católico	25	25,77	Católico	73	46,49
Protestante	20	20,62	Protestante	56	35,67
Sem Religião	43	44,33	Sem Religião	24	15,28
Outros	9	9,28	Outros	4	2,56
Semestre	Frequência	%	Semestre	Frequência	%
1º	11	11,3	1º	10	6,4
2º	4	4,1	2º	24	15,3

3º	38	39,2	3º	22	14
4º	11	11,3	4º	14	8,9
5º	13	13,4	5º	15	9,6
6º	4	4,7	6º	16	10,2
7º	5	5,2	7º	9	5,7
8º	11	11,3	8º	47	29,9
Total	97	100,0	Total	157	100,0

Fonte: dados da pesquisa, 2019

Os resultados da análise de regressão indicam que os modelos construídos apresentaram um coeficiente de determinação ajustado baixo, no entanto, é importante salientar que não se pretendeu construir modelos de regressão para prever comportamentos, mas sim buscou-se explicar e relacionar os seus preditores, bem como verificar quais variáveis selecionadas teriam impacto, positivo ou negativo, sobre as dimensões analisadas. Partindo desse pressuposto, o fato dos modelos apresentarem um R quadrado ajustado baixo, não representa necessariamente uma limitação, conforme enfatiza Chalmer (1986). Insta salientar que os resultados do teste F apresentaram valores entre 3,202 e 3,972 com nível de significância 0,000 ($p < 0,05$). Estes resultados revelam que pelo menos um dos coeficientes da equação é diferente de zero e que existe associação entre as variáveis.

Tabela 02: Modelos de Regressão

Variáveis		Modelo 1 Dimensão Ambiental	Modelo 2 Dimensão Econômica	Modelo 3 Dimensão Social	Modelo 4 Dimensão Educação
Intercepto	Coeficiente	3,722	3,097	3,938	3,337
	P-valor	0	0	0	0
Conhecimento sobre Sustentabilidade	Coeficiente	0,16	0,271	0,184	0,248
	P-valor	0,002*	0,000*	0,000*	0,000*
	VIF	1,11	1,11	1,11	1,11
Disciplina Cursada (Específica de Sustentabilidade)	Coeficiente	-0,04	-0,024	-0,068	-0,061
	P-valor	0,579	0,767	0,289	0,415
	VIF	1,288	1,288	1,288	1,288
Semestre do curso	Coeficiente	0,017	0	-0,014	0,003
	P-valor	0,294	0,977	0,309	0,869
	VIF	1,513	1,513	1,513	1,513
Curso (Administração/Contabilidade)	Coeficiente	0,099	0,002	-0,029	0,149
	P-valor	0,225	0,985	0,688	0,080**
	VIF	1,215	1,215	1,215	1,215
Tipo de IES (Privada/Pública)	Coeficiente	-0,077	-0,233	-0,079	-0,125
	P-valor	0,338	0,009*	0,272	0,136
	VIF	1,517	1,517	1,517	1,517
Gênero	Coeficiente	0,049	0,058	0,114	0,12
	P-valor	0,471	0,433	0,058**	0,086**
	VIF	1,109	1,109	1,109	1,109
Idade	Coeficiente	0,002	0,004	0,003	0,005
	P-valor	0,736	0,555	0,622	0,502
	VIF	1,331	1,331	1,331	1,331
Renda Familiar (2 SM)	Coeficiente	-0,161	-0,17	-0,072	0,007
	P-valor	0,040*	0,049*	0,3	0,928
	VIF	1,167	1,167	1,167	1,167
Renda Familiar (3 ou mais SM)	Coeficiente	-0,244	-0,292	-0,064	-0,032
	P-valor	0,018*	0,010*	0,485	0,764
	VIF	1,259	1,259	1,259	1,259
Esquerda	Coeficiente	0,153	0,076	0,134	0,084
	P-valor	0,041*	0,355	0,043*	0,28

	VIF	1,229	1,229	1,229	1,229
Direita	Coefficiente	-0,186	-0,081	-0,195	-0,082
	P-valor	0,040*	0,411	0,015*	0,379
	VIF	1,259	1,259	1,259	1,259
Católico	Coefficiente	-0,094	0,18	-0,064	0,027
	P-valor	0,535	0,281	0,636	0,863
	VIF	5,367	5,367	5,367	5,367
Protestante	Coefficiente	-0,158	0,187	-0,035	0,073
	P-valor	0,311	0,274	0,796	0,653
	VIF	4,966	4,966	4,966	4,966
Sem Religião	Coefficiente	-0,137	0,146	0,002	0,109
	P-valor	0,373	0,227	0,99	0,493
	VIF	4,414	4,414	4,414	4,414
R ² Ajustado		0,109	0,124	0,142	0,13
Teste F		3,202	3,537	3,972	3,689
P-valor		0	0	0	0
* A relação é significativa no nível 0,05					
**A relação é significativa no nível 0,10					

Fonte: dados da pesquisa, 2019

Por meio dos resultados da análise de regressão é possível supor que existe uma relação positiva estatisticamente significativa entre conhecimento sobre sustentabilidade e atitudes em prol do Desenvolvimento Sustentável, portanto, aceita-se a hipótese H1. Estes achados coadunam com os encontrados por Jacomossi, Morano e Barichello (2014) e Farias et al. (2018) e reiteram a necessidade das IES desenvolverem estratégias que contribuam para um maior conhecimento das questões de sustentabilidade durante o percurso formativo dos discentes. Afinal, este exercerá impacto nas crenças e valores, e conseqüentemente no comportamento e nas atitudes dos discentes que serão potenciais tomadores de decisão no ambiente organizacional.

Por outro lado, as evidências sugerem que o simples fato de cursar disciplinas específicas sobre sustentabilidade não exerce influência sobre as atitudes dos discentes em prol do Desenvolvimento Sustentável, portanto, não é possível aceitar a hipótese H2. Estes resultados apesar de parecerem contraditórios, podem indicar a necessidade da revisão da forma de como estes componentes curriculares estão sendo inseridos no processo formativo dos discentes investigados. Em outras palavras, aparentemente não basta apenas que o aluno tenha matérias sobre sustentabilidade; ele deve efetivamente ter conhecimentos adquiridos. De modo geral, estes resultados corroboram com o que defendem pesquisadores como Calixto (2006), Gomes et al. (2012) e Jacomossi, Morano e Barichello (2014).

Os resultados indicam ainda que a identidade partidária dos discentes exerce influência significativa no que se refere às atitudes em prol das Dimensões Ambientais e Sociais (não nas dimensões econômica e de educação). Constatou-se que o fato do estudante ser de esquerda impactou de forma positiva e significativa as atitudes nas Dimensões mencionadas. Os resultados indicaram que existe uma relação negativa e significativa entre ser de direita e ter atitudes em prol das questões socioambientais. De modo geral, estes resultados estão alinhados com os encontrados por Neumayer (2004) e Chang et al. (2018). Dessa forma, aceita-se parcialmente a hipótese de que discentes de esquerda tendem a apresentar atitudes mais positivas em prol do desenvolvimento sustentável.

Destaca-se ainda que para tentar capturar a influência da variável religião, perguntou-se diretamente aos estudantes a sua denominação religiosa. Os achados sugerem que o fato de o estudante possuir ou não religião não influenciou as suas atitudes em nenhuma das Dimensões pesquisadas, portanto, não foi possível aceitar a Hipótese 4. Entretanto, para autores como Hartmann (2002) a religião pode ser concebida de uma forma mais abrangente do que um mero corpo concatenado de doutrinas o que torna, portanto, mais complexo e

desafiador identificar o efeito isolado desta nas atitudes dos indivíduos em prol das questões socioambientais, econômicas e de educação.

Constatou-se que os indivíduos que se autodeclararam como do gênero feminino apresentaram atitudes mais positivas em prol da sustentabilidade no que diz respeito às questões sociais e de educação, portanto, aceita parcialmente a Hipótese H5. Estes resultados coadunam com os encontrados por Gorni, Gomes e Dreher (2012) no que se refere às questões sociais, mas vão de encontro no que tange às questões ambientais. Os achados indicam ainda que a variável idade não exerceu influência significativa em nenhuma das dimensões investigadas, portanto, não é possível aceitar a hipótese H6. A não influência desta variável, pode ter sido explicada em parte, pelo próprio perfil da amostra, pois a maioria dos investigados (aproximadamente 67%) tinha entre 18 e 25 anos e somente 2% possuía idade superior a 41 anos. Portanto, a concentração dos discentes em uma única faixa etária pode ter contribuído para os resultados encontrados

Quanto ao comportamento da variável renda familiar, obteve-se indícios de uma relação negativa e significativa com as Dimensões Ambientais e Econômicas. Verificou-se um coeficiente negativo de -0,161 e -0,17 de quem recebe dois salários e de -0,244 e -0,292 para acima de três salários, respectivamente. Por meio da análise dos coeficientes, é possível inferir que a faixa mais alta de renda contribuiu de forma mais incisiva para a ausência de atitudes em prol das questões sociais e econômicas. Estes resultados, de modo geral, permitem aceitar parcialmente a Hipótese 7 e estão alinhados com os encontrados por Braga Junior, Silva e Moretti (2011). Ademais, esperava-se que o semestre do curso influenciasse positivamente as atitudes dos discentes em prol da sustentabilidade. Dessa forma, contrariando as expectativas da pesquisa e os achados encontrados por Sammalisto et al. (2016), o comportamento da variável semestre não foi significativa, portanto, não é possível aceitar a Hipótese 8.

Com relação ao comportamento da variável de controle IES de origem, identificou-se uma relação negativa entre discentes oriundos de Instituições de Ensino Superior Privada e a Dimensão Econômica. Neste sentido, recomenda-se que estudos futuros investiguem a razão deste achado, considerando também o contexto político-institucional, bem como o perfil do egresso desejado por estas IES. Quanto à variável curso, identificou-se que os discentes dos cursos de administração tendem a apresentar atitudes mais favoráveis ao desenvolvimento sustentável, somente na Dimensão Educação indo de encontro aos achados de Perlin et al. (2016), portanto aceita-se parcialmente a Hipótese 9.

Nesta linha, teóricos como Barbieri (2017) e Laffin (2015) enfatizam que atualmente as diretrizes curriculares dos cursos de Administração e Ciências Contábeis refletem uma concepção pragmática do currículo, com o predomínio da racionalidade técnica, restringindo assim, a ação reflexiva e crítica da realidade profissional e de sua participação social para interagir e intervir nesse cenário.

Sob esta perspectiva, os achados sugerem que é preciso repensar a forma de como o ensino da sustentabilidade tem sido tratado ao longo do percurso formativo dos discentes investigados. Conforme destaca Sacristán (2013) faz-se necessário superar a concepção tradicional de currículo, por meio de uma abordagem mais próxima e comprometida com a realidade. Sendo assim, espera-se que as evidências obtidas possam contribuir para sugerir a criação de políticas públicas e de ordem pedagógicas que busquem incorporar na formação dos profissionais da área de negócios uma educação que contribua para a formação de sujeitos crítico-reflexivos que rejeitem a mera reprodução do *status quo* para a promoção do desenvolvimento sustentável.

Assim, um desdobramento desta contribuição indica que o ensino sobre sustentabilidade deve ser parte dos cursos, mas deve ser incorporado de forma holística e não pontual no percurso formativo dos discentes. Sugere-se ainda que nos componentes

curriculares, sejam criados espaços democráticos que respeitem o contexto socioeconômico e a identidade partidária dos indivíduos, para evitar que discentes com maiores níveis de renda e aqueles de posicionamento político de direita, ideologicamente, rejeitem tais conteúdos.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo investigou os fatores que influenciam as atitudes dos discentes da área de negócios em prol do desenvolvimento sustentável. As evidências obtidas indicaram que, na amostra, o conhecimento sobre sustentabilidade influencia de forma positiva e significativa a atitude discente nas Dimensões Ambientais, Econômicas, Sociais e de Educação e, portanto, a hipótese H1 foi aceita. Contudo, não foi possível aceitar a hipótese H2 de que cursar disciplinas específicas sobre sustentabilidade exerce alguma influência na atitude discente.

Os resultados apontaram ainda que discentes de esquerda tendem a apresentar atitudes mais positivas em prol do desenvolvimento sustentável, somente nas Dimensões Ambientais e Sociais, sendo assim, a Hipótese H3 foi aceita parcialmente. Constatou-se que o fato de o estudante possuir religião ou não, não influenciou as suas atitudes em nenhuma das Dimensões pesquisadas, portanto, não foi possível aceitar a Hipótese 4. Verificou-se que os indivíduos que se autodeclararam como do gênero feminino apresentaram atitudes mais positivas em prol da sustentabilidade no que diz respeito às questões sociais e de educação. Partindo desse pressuposto, aceitou-se parcialmente a Hipótese H5.

Os resultados indicaram ainda que as variáveis idade e semestre não exerceram influência significativa em nenhuma das dimensões investigadas, sendo assim, não foi possível aceitar as Hipóteses H6 e H8. Obteve-se indícios de uma relação negativa e significativa da variável renda familiar com as Dimensões Ambientais e Econômicas, sendo assim, aceitou-se parcialmente a Hipótese 7. Constatou-se ainda que os discentes dos cursos de administração tendem a apresentar atitudes mais favoráveis ao desenvolvimento sustentável, somente na Dimensão Educação e, portanto, aceitou-se parcialmente a Hipótese H9.

Os resultados da investigação trazem uma contribuição para a discussão de alguns pilares de suporte da sustentabilidade. Já existe na literatura um debate sobre outros pilares tais como a cultura e a ética, mas, considerando o recorte desta pesquisa além do tradicional *triple bottom line*, a Dimensão de “atitude quanto à Educação” foi incorporada. Salienta-se que pesquisas para compreender e debater o processo formativo, a consciência, as atitudes e os comportamentos em torno das questões de sustentabilidade na área de negócios são relevantes, para o alcance de uma das metas desafiadoras dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, a 12.8 que ambiciona garantir que as pessoas, em todos os lugares, tenham informação relevante e conscientização para o desenvolvimento sustentável e estilos de vida em harmonia com a natureza.

No cenário atual, os futuros profissionais precisam estar mais capacitados para lidar com os problemas relacionados à sustentabilidade e suas possíveis soluções para além do ambiente corporativo, é preciso contribuir para a formação de profissionais mais conscientes de suas responsabilidades socioambientais e que adotem posturas diferenciadas para não compactuar com modelos de gestão como o da mineradora Vale, que em seus relatórios de sustentabilidade apresenta um discurso falacioso baseado no *triple bottom line*. Contudo, o rompimento das barragens de Mariana e Brumadinho em Minas Gerais, demonstram o quanto as pessoas e a natureza têm sido tratadas da forma mais desumana possível em prol do acúmulo do capital financeiro.

As hipóteses que foram aceitas parcialmente e o comportamento não equânime das variáveis independentes, contribuem para que estudos futuros realizem o aprofundamento das discussões em torno da necessidade de melhor articulação entre as questões socioambientais com as de natureza econômica e de educação. Dentre as limitações deste estudo, tem-se que os resultados se restringem ao período e a amostra investigada. Diante deste cenário, sugere-

se que pesquisas futuras ampliem a amostra e utilizem um horizonte temporal maior. Além disso, propõe-se a utilização de outros procedimentos metodológicos de natureza qualitativa, como entrevistas e grupos focais e o emprego de outras variáveis que não foram capturadas nesta investigação, como influência familiar e experiência de vida do indivíduo. Estudos adicionais poderiam ampliar as discussões acadêmicas, investigando os fatores que impactam as atitudes dos docentes e dos profissionais da área de negócios em prol do Desenvolvimento Sustentável.

REFERÊNCIAS

BACELAR, R. P.; CASTRO, L. R. D. Modos de subjetivação de jovens nas tramas do ambientalismo: uma análise psicopolítica. **Revista Psicologia Política**, v. 15, n. 33, p. 317-333, 2015.

BARBIERI, J. C. **Prefácio**. In: Educação para a sustentabilidade: bases epistemológicas, teorias e exemplos na área de Administração. Palma, C. S., Nascimento, L.P.; Alves, N. B.(Org) - Canoas, RS: IFRS - Campus Canoas, 2017.

BARBIERI, J. C.; SILVA, D. D. Desenvolvimento sustentável e educação ambiental: uma trajetória comum com muitos desafios. **Revista de Administração Mackenzie**, v. 12, n. 3, 51-82, 2011.

BERGER, P. L.; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento**. Petrópolis: Vozes, 1985.

BIASUTTI, M.; FRATE, S. A validity and reliability study of the attitudes toward sustainable development scale. **Environmental Education Research**, v. 23, n.2, p. 214-230, 2017.

BRAGA JÚNIOR, S. S.; SILVA, D.; MORETTI, S. L. D. A. Fatores de influência no consumo “verde”: um estudo sobre o comportamento de compra no setor supermercadista. **Revista Brasileira de Marketing**, v. 10, n.1, p. 151-176, 2011.

CALIXTO, L. O ensino da contabilidade ambiental nas universidades brasileiras: um estudo exploratório. **Revista Universo Contábil**, v. 2, n.3, p. 65-78, 2006.

CHALMER, B. J. **Understanding Statistics**. CRC Press; 1 Edition. New York, 1986.

CHANG, C. P. et al. Does government ideology affect environmental pollutions? New evidence from instrumental variable quantile regression estimations. **Energy Policy**, v. 113, p. 386-400, 2018.

CLOSS, L.; ANTONELLO, C. S. Teoria da aprendizagem transformadora: contribuições para uma educação gerencial voltada para a sustentabilidade. **Revista de Administração Mackenzie**, v 15, n. 3, p. 221-252, 2014.

FARIA, A. C. et al. Influência do Conhecimento sobre Sustentabilidade nas Atitudes, Comportamentos e Consumo de Estudantes de Administração. **Revista Eletrônica de Ciência Administrativa**, v. 17, n.2, p. 239-260, 2018.

FIGUEIRÓ, P. S.; RAUFFLET, E. Sustainability in higher education: a systematic review with focus on management education. **Journal of Cleaner Production**, v. 106, p. 22-33, 2015.

FRANCO, I. T. et al. A inserção da temática de sustentabilidade na formação de futuros gestores: como os professores se deparam com o assunto? **Administração: ensino e pesquisa**, v. 16, n. 3, p. 571-607, 2015.

GODOY, A. S.; BRUNSTEIN, J.; FISCHER, T. M. D. Introdução ao Fórum Temático Sustentabilidade nas Escolas de Administração: tensões e desafios. **Revista de Administração Mackenzie**, v. 14, n. 3, p. 14-25, 2013.

GOMES, S. M. et al. Proposta para o ensino da controladoria ambiental nos cursos de graduação de ciências contábeis nas IES brasileiras. **Revista de Gestão Social e Ambiental**, v. 6, n. 1, p. 177-189, 2012.

GORNI, P. M.; GOMES, G.; DREHER, M. T. Consciência ambiental e gênero: os universitários e o consumo sustentável. **Revista de Gestão Social e Ambiental**, v. 6, n. 2, p.165-179, 2012.

GRAY, R.; COLLISON, D. Can't see the wood for the trees, can't see the trees for the numbers? Accounting education, sustainability and the public interest. **Critical Perspectives on Accounting**, v. 13, n. 5-6, p. 797-836, 2002.

HARTMANN, A. **Religiosidade midiática: uma nova agenda pública na construção de sentidos?** 2002. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/images/stories/cadernos/ihu/009cadernosihu.pdf>> . Acesso em: 12 out. 2018.

JABBOUR, C. Gestão Ambiental em Escolas de Negócios: mapeando o estado da arte. **Revista Pensamento Contemporâneo em Administração**, v.8, n.4, p.1-22, 2014.

JACOMOSSI, R. R.; MORANO, R.; BARRICHELLO, A. O comportamento ambiental de estudantes de graduação: um modelo internacional de equações estruturais aplicado no contexto brasileiro. **Revista de Gestão Social e Ambiental**, v. 8, n. 3, p.106-117, 2014.

KOLLMUSS, A.; AGYEMAN, J. Mind the gap: why do people act environmentally and what are the barriers to pro-environmental behavior? **Environmental education research**, v. 8, n. 3, p. 239-260, 2002.

KPMG. **How to Report on SDGS**.2018.Disponível em:<<https://assets.kpmg.com/content/dam/kpmg/xx/pdf/2018/02/how-to-report-on-sdgs.pdf>.> Acesso em: 29.nov.2018.

LAFFIN, M. Graduação em Ciências Contábeis- a ênfase nas competências: contribuições ao debate. **Education Policy Analysis Archives**, v.23, n. 78, p.1-30, 2015.

LESSA, B.; SPIER, K. F.; NASCIMENTO, L. F. M. Barreiras para Sustentabilidade em Escolas de Administração: uma explicação Bourdieusiana. **Administração: Ensino e Pesquisa**, v. 19, n. 3, 2018.

LIMA, C. E.; AMANCIO-VIEIRA, S. F. A institucionalização da temática da sustentabilidade no Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Estadual

de Londrina. **Revista Pensamento Contemporâneo em Administração**, v. 11, n. 5, p. 20-36, 2017.

LOPES, U. D. M.; TENÓRIO, R. M. **Educação como fundamento da sustentabilidade**. Edufba, 2011.

LÖWY, M. **O que é ecossocialismo?** São Paulo: Cortez, 2014.

LUCA, M. M. et al. Análise da produção científica referente à temática de sustentabilidade em pesquisas da Administração. **Administração: ensino e pesquisa**, v. 15, n. 3, p. 469-500, 2014.

MARTINS, M. C.; VEIGA, F. Atitudes dos jovens alunos face ao ambiente, idade e sexo: Uma revisão da literatura. In: Veiga, F. (Coord.) **Envolvimento dos alunos na escola: Perspectivas da psicologia e educação - Motivação para o desempenho académico**. Lisboa: Universidade de Lisboa, Instituto de Educação.

NEUMAYER, E. The environment, left-wing political orientation and ecological economics. **Ecological economics**, v. 51, n. 3-4, p. 167-175, 2004.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA. **Education for Sustainable Development Goals: learning objectives**. 2017. Disponível em: <<https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000252197>>. Acesso em: 15 nov. 2018.

PERLIN, A. P. et al. Comportamento Ecológico: Um estudo com os estudantes de Administração e Ciências Contábeis da Universidade Federal de Santa Maria- RS. **Estudos do CEPE**, n. 44, p. 84-99, 2016.

SACRISTÁN, J. G. **Saberes e incertezas sobre o currículo**. Porto Alegre: Penso Editora, 2013.

SAMMALISTO, K. et al. Learning about Sustainability—What Influences Students’ Self-Perceived Sustainability Actions after Undergraduate Education? **Sustainability**, v. 8, n. 6, p. 510, 2016.

SHARMA, Sanjay; HART, Stuart L. Beyond “saddle bag” sustainability for business education. **Organization & Environment**, v. 27, n. 1, p. 10-15, 2014.

SILVA, M. et al. Um Espelho, Um Reflexo! A Educação para a sustentabilidade como subsídio para uma tomada de decisão consciente do administrador. **Revista de Administração Mackenzie**, v. 14, n. 3, p.154-182, 2013.

WIERNIK, B.; S. ONES, D.; DILCHERT, S. Age and environmental sustainability: a meta-analysis. **Journal of Managerial Psychology**, v. 28, n. 7/8, p. 826-856, 2013.

YOUNG, W. et al. Sustainable consumption: green consumer behaviour when purchasing products. **Sustainable development**, v. 18, n. 1, p. 20-31, 2010.